

## A noção de crise em Husserl e a discussão acerca de sua superação

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Constança Marcondes César*  
(UFS - Aracaju – SE - Brasil)  
[cmarcondescesar@msn.com](mailto:cmarcondescesar@msn.com)

*Célio William Araújo Santos*  
(UFS - Aracaju – SE - Brasil)  
[celiowas@hotmail.com](mailto:celiowas@hotmail.com)

**Resumo:** A noção de crise em Husserl é caracterizada como uma crise epistemológica, ética e civilizacional, tendo como ponto de partida “a crise das ciências” europeias entendida enquanto expressão da crise da cultura contemporânea. A perspectiva dos problemas assinalados por Husserl como decorrentes da situação de crise o levou a investigar a origem e as consequências dessa crise, colocando em relevo a moderna matematização das ciências através da ruptura surgida entre o objetivismo fisicalista e o subjetivismo transcendental. A ideia de renovação é sustentada por Husserl como a retomada do projeto de racionalidade de uma cultura autêntica na direção de um certo “protagonismo da Razão” que possa restabelecer as conexões perdidas entre racionalidade e mundo da vida.

**Palavras-chave:** Husserl; Fenomenologia; Crise; Renovação.

### 1. Considerações iniciais

O presente artigo tem como objetivo apresentar a concepção de fenomenologia em Husserl, suas características gerais e principais conceitos-chave, bem como realizar uma exposição da discussão husserliana acerca do conceito de crise e de sua superação a partir do texto da conferência pronunciada em Viena, no ano de 1935, da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* e de três artigos publicados na revista japonesa *Kaizo*, nos anos de 1923-24. Para tal, situaremos o tema da discussão da crise em Husserl no interior de suas preocupações com o estabelecimento da filosofia, na busca de sua fundamentação enquanto uma ciência rigorosa que permita refletir acerca dos problemas humanos no contexto do mundo da vida. Nos artigos, Husserl mostra a íntima relação entre epistemologia e ética; assinala que a reflexão sobre o valor do homem como pessoa é um caminho possível para superação da crise. Mostra ainda, como veremos detalhadamente adiante, que é a própria concepção de razão que está hoje deturpada e que, para recuperarmos o sentido criador e autêntico da racionalidade, é preciso remontar à

fecunda tradição que, no Ocidente, pela primeira vez meditou sobre o *logos*: a tradição grega.

## **2. Contexto histórico da fenomenologia em Husserl**

O filósofo Edmund Husserl (1859-1938), iniciador da fenomenologia, teve como preocupação principal estabelecer um método radicalmente novo para se fundamentar a filosofia com bases e condições de uma ciência rigorosa. Como ponto de partida apoiou-se em dois campos científicos centrais de sua época, as matemáticas e a psicologia, apropriando-se, em relação a esta última, de atenção escrupulosa dirigida às vivências psíquicas singulares de um sujeito particular, bem como a seus diferentes atos de consciência. Das matemáticas e, em específico, da lógica, Husserl retoma o rigor da elaboração das categorias de descrição adequadas à experiência a ser descrita. Desse modo, a fenomenologia pode ser vista como o “estudo descritivo de todos os fenômenos que se oferecem à minha experiência de sujeito” (DEPRAZ, 2008, p. 7), ou ainda, como um método de investigação sistemática da consciência e seus fenômenos mentais em relação ao mundo real, a fim de tornar possível uma reflexão acerca da descrição das coisas tal como elas se manifestam em sua pureza original.

Para Zilles(2002), a característica fundamental da fenomenologia husserliana está na proposição de “volta às coisas mesmas” (*Zu den Sachen selbst*) no sentido de considerar o fenômeno tal como se torna presente e se apresenta à consciência humana. De acordo com Husserl, o sentido do ser e do fenômeno são inseparáveis. Assim, a fenomenologia não se propõe estudar puramente o ser, nem puramente a representação do ser, mas o ser tal como e enquanto se apresenta à consciência como “fenômeno”. A tarefa da fenomenologia é, pois, estudar a significação das vivências da consciência.

Para Husserl, a fundamentação de uma filosofia como ciência de rigor exige a satisfação de três condições: a) *ausência de pressupostos* a partir da investigação das coisas e dos problemas, abstendo-se por completo de qualquer juízo anterior; b) caráter *a priori* universal através do estudo da consciência em sua estrutura imanente, que emerge como condição *a priori* de possibilidade do próprio conhecimento (consciência transcendental);

c) *evidência apodítica* enquanto o manifestar-se de um “objeto” como tal na consciência numa equação completa entre o pensado e o imediatamente dado.

O conceito de redução fenomenológica é a suspensão ou a colocação entre parênteses (*epoché*) do juízo em relação à existência do mundo exterior (transcendente), atendo-se à descrição do mundo como se apresenta na consciência, ou seja, a redução à esfera transcendental: as vivências puras, a consciência pura com seus correlatos puros e seu eu puro.

A intencionalidade da consciência pressupõe que só existe consciência de algo, isto é, consciência de alguma “coisa” ideal ou real (fenômeno) que se dá imediatamente à consciência. Neste sentido, afirma Zilles que “se trata de prescindir do empírico, de preconceitos e pressupostos, do singular e do acidental, para chegar às essências dadas, as quais são o objeto inteligível do fenômeno, captado numa visão imediata” (ZILLES, 2002, p. 27). Husserl define o conceito de intencionalidade da consciência como: a) a consciência de algo; b) consciência de si mesmo. Assim, a ideia de representação é abandonada, fazendo uma distinção, na consciência, entre o ato que conhece (*noese*), que ao configurar os dados, dota-os de sentido, e a coisa conhecida (*noema*).

Para Zilles, a intencionalidade husserliana corresponde à correlação consciência-mundo, sujeito-objeto, mais originária que o sujeito ou o objeto, pois esses só se definem nessa correlação. A intencionalidade fenomenológica é “visada de consciência e produção de um sentido que permite perceber os fenômenos humanos em seu teor vivido” (*Ibidem*, p. 31).

Ao longo de sua produção filosófica Husserl voltou seu interesse para análise do que ele chamou de “a crise das ciências” europeias entendida enquanto expressão da crise da cultura contemporânea (ZILLES, 2002, p. 38). A perspectiva dos problemas assinalados por Husserl como decorrentes da situação de crise o levou a investigar a origem e as consequências dessa crise, colocando em relevo a moderna matematização das ciências através da ruptura surgida entre o objetivismo fisicalista e o subjetivismo transcendental.

Husserl toma para si a tarefa de superar essa divisão por meio da fenomenologia que

buscaria o fundamento do sentido de todas as coisas, oculto àquele modo no qual se configurou a ciência moderna desde o embate entre as escolas racionalista e empirista. Na obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, na conferência intitulada “A crise da humanidade européia e a filosofia”, pronunciada em Viena no ano de 1935 e no grupo de artigos escritos para a revista japonesa *Kaizo*, em 1923-24, Husserl realiza o diagnóstico da crise e apresenta uma proposição de sua superação, tendo como *background* o uso do método da fenomenologia transcendental e o projeto da “volta às coisas mesmas” a partir da primazia do mundo da vida (*Lebenswelt*).

### **3. O conceito de crise em Husserl**

A compreensão do conceito de crise (*Krisis*) utilizado Husserl pode ser auxiliada pelo significado da palavra originalmente pensado enquanto “escolha” ou “decisão”, “momento crítico” ou “momento oportuno”. Assim, a discussão desse conceito em Husserl ganha contorno de um momento histórico decisivo acerca do sentido último da humanidade europeia perante o ideal de ciência, que é a sua definição como humanidade em conformidade com a racionalidade filosófica de matriz grega, marca que a faz distinta de outras culturas historicamente situadas. Neste sentido, a crise detectada por Husserl é uma decisão acerca do sentido da história europeia e da humanidade como um todo em virtude da necessidade de fundamentação última da razão e da ciência por ela produzida. Ao lado disso, coloca-se também a questão de saber se a humanidade poderá se conduzir, encontrando um solo comum e compartilhado por todos, “no esforço infinito de auto-normação através desta verdade e genuinidade da humanidade” (HUSSERL, *apud* FERRER, na apresentação à obra *Krisis*, p. 11).

No texto da conferência de Husserl, o tema da crise europeia é desenvolvido a partir de uma diferenciação do grau de desenvolvimento das ciências da natureza, que têm o interesse voltado para a explicação físico-química da natureza em geral, e das ciências do espírito, que são dirigidas para a compreensão do homem enquanto pessoa e comunidade, em particular acerca de sua vida e seu agir. Nesse sentido, a grandeza das ciências da natureza dá-se na efetividade metodológica da explicação matemático-exata da realidade do

mundo circundante, prevendo e controlando suas possibilidades e probabilidades com uma extensão e precisão superiores a toda empiria sensivelmente determinada.

Em relação às ciências do espírito, a explicação matemático-exata não pode ter sucesso diante da complicação da necessária investigação da individualidade psíquica e das comunidades humanas históricas, ao serem consideradas puramente como um mundo fechado por si e abstraído de todo o espiritual. Supõe que a realidade possa ser decomposta entre natureza e espírito como se fossem duas coisas independentes metodológica e objetivamente em relação à outra.

Para Husserl, a ideia de natureza, no sentido científico-natural da ciência moderna, não reflete a concepção originária de natureza da Grécia antiga, ou seja,

o mundo circundante dos gregos não é o mundo objetivo, em nosso sentido atual, mas sua representação do mundo, isto é, sua concepção subjetiva do mundo, com todas as realidades para eles vigentes deste mundo, p. ex., os deuses, os demônios, etc.” (HUSSERL, 2002, p. 68).

Husserl afirma que o mundo circundante (*Umwelt*) é um conceito que tem seu valor exclusivamente no âmbito espiritual por ser uma formação espiritual (*ein geistiges Gebilde*), para a qual estão direcionadas todas as nossas preocupações e esforços cotidianos. Desse modo, torna-se um contrassenso a defesa de uma fundamentação da ciência do espírito sobre as bases das ciências naturais, a fim de torná-la pretensamente exata.

O racionalismo tem influenciado negativamente os cientistas do espírito ao impedir o aparecimento de uma ciência eidética (*Wesenslehre*) do espírito voltada especificamente para a investigação dos elementos e das leis universais que regem a espiritualidade. O tema da Europa estabelece a discussão de uma ciência pura do espírito no âmbito de uma pesquisa histórica que enseja uma teleologia singular relativa ao surgimento da filosofia e, conseqüentemente, das ciências de um modo geral no sentido dos antigos gregos.

O significado da Europa consiste na estrutura espiritual de uma unidade de vida, de uma ação, de uma criação de ordem espiritual, abarcando todos os objetivos, os interesses, as preocupações e os esforços, intencionalidades organizacionais e institucionais. A

característica singular do processo civilizatório da Europa dá-se na formação de uma *entelequia* dominante de todas as mudanças de formas europeias, conferindo-lhe o sentido de uma evolução em direção à infinitude de um *télos* espiritual, ou seja, de uma ideia infinita para a qual tende o vir-a-ser espiritual global.

O lugar espiritual de nascimento da Europa é a Grécia antiga do século VII e VI a.C., onde surge uma nova atitude de indivíduos para com o mundo circundante chamada de filosofia, entendida enquanto ciência universal, a ciência da totalidade do mundo, da unidade total de todo o existente. Neste sentido, a filosofia coloca seu interesse na totalidade do ser através da indagação pelo devir que engloba todas as coisas, especificando-se de acordo com as formas e regiões gerais do ser e dando origem às ciências particulares.

Husserl afirma que a atitude filosófica dos gregos dá início a um processo de transformação progressiva de toda a humanidade a partir da formação de ideias, formas significativas nascidas em pessoas singulares enquanto uma nova maneira de abrigar em si infinitudes intencionais. Ao despertarem o interesse do homem, provocam a concepção de novas ideias, tornando-o um homem novo que, vivendo na finitude, se orienta para o infinito. Deste modo, o trabalho científico visa à aquisição não de algo real, mas ideal; mais ainda, o que é assim adquirido, com seu valor e verdade, torna-se a matéria para a possível criação de idealidades superiores sempre mais elevadas. Trata-se de um processo previsto para o infinito no interior de um horizonte infinito de tarefas como resultado do esforço teórico da consciência humana.

#### **4. A discussão sobre a superação da crise: o conceito de renovação**

O diagnóstico da crise epistemológica, moral e civilizacional, empreendido por Husserl, traz consigo a concomitante discussão acerca de sua superação, isto é, aponta um caminho de superação e saída da crise mediante a ideia central de renovação. A perspectiva de análise da crise em Husserl, por se tratar também de uma crise da razão, contudo, não nos autoriza a abrir mão do uso da racionalidade como atributo essencial e constitutivo do ser humano. A ideia de renovação não deve ser entendida como inovação ou criação de

algo novo ou abandono de algo superado e falido para a superação da crise. Husserl sustenta a retomada do projeto de racionalidade de uma cultura autêntica na direção de um certo “protagonismo da Razão” que possa restabelecer as conexões perdidas entre racionalidade e mundo da vida, buscando a superação do estreitamento da razão e o silêncio correspondente acerca dos problemas fundamentais da subjetividade e da vida humana.

A própria atividade filosófica ganha relevo no contexto da superação da crise, visto que o papel que a filosofia deve exercer enquanto estrutura espiritual da humanidade europeia é o de conservar sua função dirigente e sua peculiar tarefa infinita; a tarefa de reflexão livre, universal e teórica que abrange igualmente todos os ideais e o ideal total, ou seja, o sistema de todas as normas éticas, morais e epistemológicas. Destaca-se aqui a importância da racionalidade (uso da razão) na totalidade da existência humana como no sentido originário que lhe deram os gregos, ou seja, essa racionalidade deve ser convocada a dirigir, de modo seguro, o desenvolvimento da humanidade na realização da ideia condutora da infinitude.

Platão e Aristóteles, já inspirados pela reflexão socrática, tomam por tema a reflexão acerca do homem que, mesmo inserido num mundo objetivo, constituído por fatos também objetivos, apresenta fins, persegue metas, refere-se às normas da tradição, às normas da verdade; normas eternas. Tem-se aqui uma virada antropológica no interior da reflexão filosófica nos primórdios do pensamento grego.

Segundo Husserl, a crise deve ser entendida como a falta generalizada de uma genuína racionalidade que lance luz sobre a própria existência humana e suas tarefas infinitas, exigindo que o espírito deixe a ingênua orientação para o exterior e retorne a si mesmo, permaneça consigo mesmo e puramente se baste a si mesmo. Desse modo, torna-se fundamental a constituição de um método efetivo para compreender a essência fundamental do espírito em sua intencionalidade. Trata-se de construir uma teoria analítica do espírito que se desenvolva de modo coerente ao infinito, que supere todo objetivismo naturalista; teoria que Husserl denomina *fenomenologia transcendental*:

o sujeito filosofante parte do seu eu, mais precisamente, ele

se considera apenas como executor (*Vollzieher*) de todos os atos dotados de validade, tornando-se um expectador puramente teórico. Nesta atitude consegue-se construir uma ciência do espírito absolutamente autônoma, no modo de uma conseqüente compreensão de si mesmo e compreensão do mundo como obra do espírito (HUSSERL, 2002, p. 94).

## 5. Considerações finais

A reflexão husserliana acerca da crise da humanidade europeia é entendida como expressão da crise da cultura contemporânea manifestada na matematização das ciências, razão pela qual o filósofo critica o “objetivismo do sistema das proposições da ciência objetiva” ao constatar que as ciências, pela matematização do mundo da vida (*Lebenswelt*), afastaram-se dele e o substituíram por uma concepção de natureza idealizada, estabelecendo a hegemonia esmagadora do paradigma científico que empobrece os problemas humanos.

Husserl postula que o enfrentamento da crise europeia dá-se pela utilização do método fenomenológico como oportunidade de superação da crise na medida em que se busca construir um conhecimento fundado na subjetividade transcendental da consciência humana, raiz de toda intencionalidade e sentido, visto que a ciência é resultado do agir do homem e tem seu ponto de partida na intuição do mundo da vida, fundamento último de toda ciência.

A ideia husserliana de superação da crise funda-se no ideal da humanidade autêntica enquanto um projeto universal e inacabado, fundado na tradição clássica da Grécia antiga, de uma racionalidade que visa à realização de uma cultura de excelência do significado da existência humana no mundo, articulada nos planos da vida cognitiva, ética e social.

## Referências:

DEPRAZ, Natalie. *Compreender Husserl*. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

FERRER,D.F. Apresentação da tradução portuguesa in HUSSERL,E.*A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Phainomenon/Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008 (Clássicos da Fenomenologia).

HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. 2 ed. Porto Alegre:



EDIPUCRS, 2002. (Coleção Filosofia, 41)

\_\_\_\_\_. *Europa: crise e renovação*. Lisboa: Phainomenon/Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006. (Clássicos da Fenomenologia)

\_\_\_\_\_. *La crise de l'humanité européenne et la philosophie*. Trad. de P. Ricoeur. Paris: Aubier, 1987 (ed. bilíngue alemão/francês)

\_\_\_\_\_. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Phainomenon/Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008 (Clássicos da Filosofia).

MARCONDES CESAR, C. *Crise e liberdade em Merleau-Ponty e Ricoeur*. Aparecida: Ideias e Letras, 2011.

PECORARO, Rossano (org.). *Os filósofos: clássicos da filosofia*, v. II. *De Kant e Popper*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: do Romantismo até nossos dias*. v. III. São Paulo: Paulinas, 1991.

VILLELA-PETIT, Maria da P. Uma filosofia a descobrir ou a re-descobrir: a fenomenologia husserliana. *Síntese*. Belo Horizonte, v. 37, n. 118, p. 197-214, 2010.

ZILLES, Urbano. A fenomenologia husserliana como método radical. In: HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Coleção Filosofia, 41)

## **The notion of crisis in Husserl and discussion about overcoming**

**Abstract:** The notion of crisis in Husserl is characterized as an epistemological, ethics and civilization crisis, and has a starting point "the crisis of science" understood as an expression of European crisis of contemporary culture. The perspective of the problems reported by Husserl as arising from the crisis led him to investigate the origin and consequences of this crisis, putting emphasis on mathematization of modern science through the break occurring between the physicalist objectivism and transcendental subjectivism. The idea of renewal is sustained by Husserl as taking up the project of rationality toward a true culture of a certain "role of Reason" that can restore lost connections between rationality and the lifeworld.

Data de registro: 23/11/2011

Data de aprovação: 28/02/2013